

03

A ATUALIDADE DA REPRESENTAÇÃO DAS CONSEQUÊNCIAS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO ROMANCE *A PARÁBOLA DO SEMEADOR*, DE OCTAVIA E. BUTLER¹

George Augusto do Amaral

Recebido em 04 fev 2023.

Aprovado em 22 mai 2023.

George Augusto do Amaral

Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.

Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, 2017.

Pesquisador do grupo de pesquisa Distopia e Contemporaneidade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0859433264539531>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4016-5304>.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como o romance *A parábola do sementeiro* (1993), de Octavia E. Butler, antecipa questões que se tornaram prementes na contemporaneidade, como a crise hídrica e a insegurança alimentar, ao mesmo tempo em que demonstra o aspecto fragmentado do Antropoceno, no qual há uma variação das condições de habitabilidade que se traduz em desigualdade social. Defendemos que Butler expõe formas de negacionismo que se tornaram comuns na sociedade atual, como o quietista (LATOURETTE, 2020), que propaga a indiferença e se relaciona a uma perspectiva de

1 Título em língua estrangeira: “The topicality of the representation of climate change consequences in the novel *The Parable of the Sower*, by Octavia E. Butler”.

salvação baseada na arca de Noé, por uma seleção de corpos-em-perda (FERDINAND, 2022). Nesse contexto, demonstramos como a protagonista Lauren apresenta-se como a mais apta para sobreviver neste mundo distópico, justamente por cultivar uma visão de mundo compatível com a realidade que a cerca e entender que é necessário lidar com os incômodos (HARAWAY, 2016) e propor novas formas de parentesco e relações sociais. Por fim, consideramos que a obra se trata tanto de uma distopia crítica (MOYLAN, 2016) quanto de uma ficção climática (JOHNS-PUTRA; TREXLER, 2011), na qual os efeitos das mudanças climáticas são explorados em situações da vida diária das personagens, em termos cognitivos e emocionais, promovendo conexões com as estruturas sociais, políticas, econômicas mais amplas da sociedade.

Palavras-chave: Ficção Científica. Mudança Climática. Antropoceno. Ecocrítica. Ficção Climática. Distopia.

Abstract: The objective of this paper is to analyze how Octavia E. Butler's novel *The Parable of the Sower* (1993) anticipates issues that have come to be urgent in the contemporary world, such as the water crisis and food insecurity, while at the same time it presents the fragmented aspect of the Anthropocene, in which there is a variability in the conditions of habitability which results in social inequality. We argue that Butler outlines negationisms that have become commonplace in today's society, such as the quietist (LATOURE, 2020), which spreads indifference and relates to a Noah's ark-based perspective of salvation through a selection of bodies-in-loss (FERDINAND, 2022). In this context, we demonstrate how the protagonist Lauren presents herself as the most fit to survive in this dystopian world, precisely because she cultivates a worldview compatible with the reality that surrounds her and understands that it is necessary to stay with the problem (HARAWAY, 2016) and propose new forms of kinship and social

relations. Finally, we consider that the work is both a critical dystopia (MOYLAN, 2016) and a climate fiction (JOHNS-PUTRA; TREXLER, 2011), in which the effects of climate change are explored in situations of the characters' daily lives, in cognitive and emotional terms, promoting connections with the broader social, political, economic structures of society.

Keywords: Science Fiction. Climate Change. Anthropocene. Ecocriticism. Climate Fiction. Dystopia.

Em 28 de fevereiro de 2022, o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) divulgou a contribuição do Grupo de Trabalho 2 para o Sexto Relatório de Avaliação, intitulado “Mudanças climáticas 2022: impactos, adaptação e vulnerabilidade”². O órgão, fundado em 1988, é responsável por revisar, avaliar e consolidar publicações científicas acerca da mudança climática para traçar um panorama da situação atual e fazer previsões que sirvam de orientação para a atuação das autoridades do mundo todo. O relatório do GT2 avaliou como os ecossistemas, a biodiversidade e as comunidades humanas são afetadas pelas mudanças climáticas, levando em conta suas vulnerabilidades, capacidades e limites de adaptação a essas mudanças.

Segundo o relatório, atingimos entre 2011 e 2020 um aumento médio de cerca de 1,09°C na temperatura da superfície da Terra, em comparação com a temperatura pré-industrial (1850-1900), e muito provavelmente atingiremos a marca de 1,5°C de aumento em um futuro muito próximo – antes de 2040 –, mesmo em um cenário em que sejam diminuídas drasticamente as emissões de gases de efeito

2 Título original: “Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Working Group II Contribution to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change”.

estufa, fato que ainda está muito distante de acontecer (IPCC, 2022, p. 10). Atingir essa marca, de 1,5°C, “causaria inevitáveis aumentos em múltiplas ameaças climáticas e apresentaria múltiplos riscos para ecossistemas e para os humanos”³ (IPCC, p. 15, tradução nossa). Ainda que a maior parte das consequências tidas como irreversíveis e amplamente catastróficas da mudança climática estejam relacionadas ao momento em que o aquecimento passar de 1,5°C, o relatório aponta que, atualmente, a maior frequência com que extremos climáticos têm acontecido já provocou impactos irreversíveis, na medida em que os sistemas naturais e humanos têm sido pressionados além da sua capacidade de adaptação (IPCC, 2022, p. 11).

Atualmente, a urgência e inevitabilidade da catástrofe ambiental é tema recorrente em discussões tanto das ciências naturais quanto das humanidades e artes. No ano 2000, tendo em vista as degradações provocadas pelas atividades antrópicas que levaram a essa crise – como o acúmulo de gás carbônico na atmosfera, a destruição de biomas, a acidificação dos oceanos, a difusão de lixo, plástico, poluição e resíduos químicos, entre outras –, Paul Crutzen e Eugene Stoermer propuseram que já não estamos mais vivendo no Holoceno, mas em uma nova época, na qual a humanidade ganhou o status de agente geológico: o Antropoceno (CRUTZEN; STOERMER, 2000, p. 17).

Nos mais de vinte anos desde a nomeação do Antropoceno, extensa pesquisa científica tem provado a urgência de tomar medidas preventivas contra as mudanças climáticas, especialmente

3 No original: “would cause unavoidable increases in multiple climate hazards and present multiple risks to ecosystems and humans”.

o aquecimento global, mas pouco tem sido efetivamente realizado. Entre governantes, empresários e classes dominantes – aqueles que poderiam mobilizar ações de larga escala – proliferam os negacionistas, climatocéticos e climatoquietistas (LATOURE, 2020, p. 28), que ainda não aceitaram completamente que não é mais possível manter o modo de vida ditado pelo capitalismo tardio, baseado em excessos de produção e queima de combustíveis fósseis.

Nesse contexto, a literatura, especialmente a chamada ficção climática, tem papel fundamental. A ficção é capaz de abordar questões relacionadas às urgências do Antropoceno que vão além dos fatos científicos, especialmente no que diz respeito a como habitar um mundo em crise, e de que forma essas transformações marcam a coexistência entre humanos e não humanos, ressaltando as angústias e sensibilidades dessa situação. Como afirma Adam Trexler (2015, p. 5), romances, poemas e peças teatrais concatenam redes complexas de ideias sobre história, ciência, discurso político, rituais culturais, extrapolações imaginativas e a matéria da vida diária. Donna Haraway, por sua vez, afirma que

[...] fatos se referem a *performances*, ações, atos realizados – em suma, feitos. [...] Assim como os fatos, ficções se referem a ações, mas a ficção é mais sobre o ato de modelar, formar, inventar, fingir e desviar. [...] a ficção está em processo e ainda em jogo, inacabada, ainda propensa a entrar em conflito com os fatos, mas também sujeita a nos mostrar algo que ainda não sabemos de verdade, mas que saberemos. (HARAWAY, 2021, p. 27, grifo da autora)

Os textos ficcionais, portanto, podem ser um caminho tanto para descrever os padrões e efeitos de enormes transformações

globais, como é o caso do Antropoceno, mas também para nos fazer sentir como seriam esses impactos na vida diária de uma pessoa, um animal ou uma planta, ao mesmo tempo em que especulamos sobre quais serão os futuros possíveis. Trata-se de um recurso para dar sentido em nossas vidas para a intrusão de Gaia (STENGERS, 2015), uma transcendência desconhecida para a qual não somos capazes de formular perguntas, tampouco receber respostas, mas que altera definitivamente a maneira com que habitamos o planeta. Intrusão esta que é desigual e fragmentada (TSING, 2019), pois tem impacto ainda maior em regiões com menor capacidade de adaptação, seja por limitações do ambiente físico ou pela situação socioeconômica e política. As mudanças climáticas tiram de vez o véu de engano que separava o humano do natural, a natureza da cultura, o social do animal. Nessas condições, diz Trexler (2015, p. 9, tradução nossa), “a ficção tem oferecido um meio para explicar, prever, implorar e lamentar”⁴.

Para Johns-Putra e Trexler, as melhores ficções climáticas vão além de abordar a mudança climática em termos de ambientação, e enfatizam também quais são os impactos psicológicos e sociais para os personagens que vivem nesse contexto. Dessa forma, eles afirmam, “a mudança climática pede por uma inovação autoral, exigindo enredos e caracterizações que dialoguem com o aspecto global, interconectado e controverso da mudança climática”⁵ (JOHNS-PUTRA, TREXLER, 2011, p. 196, tradução nossa).

4 No original: “Under these conditions, fiction offered a medium to explain, predict, implore, and lament”.

5 No original: “climate change asks for authorial innovation, demanding plotlines and characterizations that participate in the global, networked, and controversial nature of climate change”.

É a partir dessa concepção de ficções climáticas que preveem e exploram os impactos da crise ambiental nas situações intrínsecas da vida diária das personagens, em termos cognitivos e emocionais, ao mesmo tempo em que traçam conexões com as estruturas sociais, políticas, econômicas mais amplas da sociedade em questão, que propomos a análise do romance *A parábola do semeador* (2003), de Octavia Butler.

Octavia Estelle Butler (1947-2006), a chamada Dama da Ficção Científica, foi a primeira escritora afro-americana a se destacar na ficção científica estadunidense e uma das principais autoras do subgênero do afrofuturismo. Seu romance mais consagrado é *Kindred* (1979), no qual a protagonista Dana retorna no tempo para o passado escravocrata dos EUA, onde encontra seus ancestrais.

Donna Haraway comenta a respeito da escritora:

Toda obra de Butler como escritora de ficção científica está voltada para o problema da destruição e do florescimento – não apenas sobrevivência – dos feridos em exílio, diáspora, abdução e transporte – o fardo terreno dos descendentes de escravos, refugiados, imigrantes, viajantes e indígenas⁶. (HARAWAY, 2016, p. 120, tradução nossa)

De fato, o florescimento de pessoas de todos esses grupos citados por Haraway, exilados de suas casas e em constante caminhada por um mundo degradado, é um dos temas principais da duologia *Semente da terra*⁷, composta por *A parábola do semeador*

6 No original: "Butler's entire work as an sf writer is riveted on the problem of destruction and wounded flourishing – not simply survival – in exile, diaspora, abduction, and transportation – the earthly gift-burden of the descendants of slaves, refugees, immigrants, travelers, and of the indigenous too".

7 Títulos originais: duologia: *Earthseed series*; primeiro volume: *Parable of the Sower*; segundo volume: *Parable of the Talents*.

(1993) e *A parábola dos talentos* (1998). Neste artigo, daremos atenção especial ao primeiro romance da série.

A história se passa no ano de 2024, em um Estados Unidos tomado pelo caos social, econômico e político, enquanto as consequências da crise climática pioram a cada dia. O sistema educacional se deteriorou; os serviços públicos essenciais, como bombeiros e polícia, são corruptos e funcionam precariamente; alimentos e água se tornaram escassos; e a desigualdade social cresceu para um nível extremo, com a maior parte da população vivendo sem mínimas condições de sobrevivência. Corporações passaram a comprar pequenas cidades, cercá-las com mercenários, e a implementar sistemas de escravidão por dívida, criando uma versão moderna dos feudos medievais. Na Califórnia, onde a narrativa começa, aqueles que ainda possuem casas e algumas posses são obrigados a se isolar em comunidades muradas, protegendo-se da violência, fome e morte que ronda o exterior. Ao mesmo tempo, uma nova droga incentiva os usuários a incendiar bairros inteiros, pois sentem prazer ao admirar o fogo. Por se tratar de um futuro tão próximo, a sensação é a de que, quando Butler publicou o livro, em 1993, ela já estimava que a crise climática e o caos social estavam perto de acontecer.

O romance é narrado em forma de diário pela protagonista Lauren Oya Olamina, que tem 15 anos de idade no início da narrativa. Ela é filha de um pastor batista e vive com ele, a madrasta e três meios-irmãos em uma comunidade murada na cidade ficcional de Robledo, nas cercanias de Los Angeles. Dentro dos muros há hortas, criações de pequenos animais e árvores frutíferas que garantem quase todo alimento que as famílias do bairro

consomem, mas ganhar dinheiro ainda é necessário para comprar alguns mantimentos de fora e, o mais importante, pagar pela água, escassa e cara. Por conta disso, as pessoas ainda precisam manter empregos fora dos muros e, assim, receber um salário.

Conseguir água para a sobrevivência é um dos principais problemas enfrentados pela sociedade nesse cenário distópico, como ressalta a personagem Lauren:

O preço da água subiu de novo. E eu soube pelo noticiário de hoje que mais vendedores estão sendo mortos. Os mascates vendem água aos sem-teto e aos moradores de rua – e às pessoas que conseguiram manter suas casas, mas não pagar as contas. Os mascates têm sido encontrados com a garganta cortada, e o dinheiro e seus carrinhos de mão roubados. Meu pai disse que, agora, a água custa muito mais do que a gasolina. Mas, com exceção dos incendiários e dos ricos, a maioria das pessoas desistiu de comprar gasolina. Ninguém que conheço usa um carro, caminhão ou uma bicicleta movida a gasolina. Veículos assim estão enferrujando nas ruas e sendo depredados por quem procura por metal e plástico. (BUTLER, 2018, p. 29)

Nessa passagem fica claro que, apesar da crise ambiental, o combustível fóssil ainda é utilizado para transporte e alternativas como os carros elétricos não chegaram a ser implementadas. Aqueles que têm recursos – os ricos – continuam queimando gasolina e colaborando para a emissão de gases de efeito estufa. Quem não tem dinheiro para isso anda a pé ou de bicicleta. Ao mesmo tempo, a água se tornou um bem tão caro e raro que virou objeto de saques e mortes.

Um dos motivos para a escassez de água na narrativa de Butler é a diminuição drástica da frequência de chuvas em certas regiões. Na Califórnia, precipitações se tornaram uma raridade, chegando a demorar seis a sete anos para se repetirem com certa intensidade. Logo no início do romance, porém, um desses preciosos momentos acontece:

Está chovendo.

Ontem à noite, ouvimos no rádio que uma tempestade vinha chegando do Pacífico, mas a maioria das pessoas não acreditou.

– Vai ventar – disse Cory. – Vento e talvez umas gotas de chuva, ou quem sabe um pouco de frio. Seria bom. É o que teremos.

É o que vem acontecendo há seis anos. Eu me lembro da chuva de seis anos atrás, a água batendo na varanda dos fundos, não abundante o suficiente para entrar na casa, mas forte a ponto de atrair meus irmãos, que queriam brincar nela. (BUTLER, 2018, p. 62)

A chuva repentina faz com que a pequena população do bairro de Robledo coloque barris, baldes, bacias e outros recipientes para coletar o que consideram “água gratuita”. Butler, demonstrando como esse evento tão raro afeta a vida prática e o aspecto emocional das personagens, mostra a reação de Lauren frente à tormenta que dura vários dias:

Ainda está chovendo.

Sem trovões hoje, mas houve alguns na noite passada. Uma garoa constante e pancadas ocasionais e pesadas o dia todo. O dia todo. Tão diferente e lindo. Nunca me senti tão emocionada com a água. Saí e andei na chuva até ficar encharcada. Cory não queria que eu fizesse isso,

mas fiz mesmo assim. Foi tão maravilhoso. Como ela não consegue entender isso? Foi muito incrível e maravilhoso. (BUTLER, 2018, p. 64)

No mundo real de hoje, o problema da escassez de água já não é mais uma especulação para o futuro. Como aponta o relatório do IPCC (2022, p. 11, tradução nossa), “[a]proximadamente metade da população mundial atualmente sofre de grave escassez de água por pelo menos uma parte do ano devido a fatores climáticos e não climáticos”⁸. As regiões mais afetadas são aquelas onde há menor desenvolvimento econômico e, portanto, menos capacidade de adaptação às mudanças climáticas, a despeito dos recursos naturais disponíveis. No Brasil, inclusive, onde está localizada a maior bacia hidrográfica do mundo, a crise hídrica já é um fantasma que ameaça diversas regiões há anos, pois, em muitos períodos, as chuvas não são suficientes para reabastecer os reservatórios de onde a água encanada é retirada.

Assim como a questão da água, muitos aspectos encarados como distópicos no romance já se tornaram parte do mundo atual. O que ainda pode causar algum estranhamento no leitor é o fato de Butler ter deslocado para o centro do capitalismo – para os EUA – os problemas que são comuns em regiões e países menos favorecidos economicamente ou com menor capacidade de se adaptar às mudanças climáticas, como enfatiza o relatório do IPCC:

O aumento dos eventos climáticos extremos tem exposto milhões de pessoas à insegurança alimentar aguda e reduzido a segurança hídrica, com os maiores impactos observados em muitos locais e/ou comunidades na África, Ásia,

8 No original: “Roughly half of the world’s population currently experience severe water scarcity for at least some part of the year due to climatic and non-climatic drivers”.

América Central e do Sul, em ilhas pequenas e no Ártico⁹. (IPCC, 2022, p. 11, tradução nossa)

Ou seja, essa constatação sobre comida e água mostra que há uma grande variação em relação à vulnerabilidade dos ecossistemas, das pessoas e das comunidades às mudanças climáticas, tanto entre regiões e países diferentes quanto internamente dentro de áreas menores. Diversos fatores impulsionam essa variabilidade: “padrões de desenvolvimento socioeconômico intersetorial, uso insustentável do oceano e da terra, desigualdade, marginalização, padrões históricos e contínuos de desigualdade como o colonialismo, e governança”¹⁰ (IPCC, 2022, p. 14, tradução nossa).

Essa diferenciação de vulnerabilidades regionais apontada pelo relatório dá sustentação para a crítica de que o conceito de Antropoceno, muitas vezes, passa a impressão errônea de que a situação de crise climática é globalmente homogênea e que todos os países e comunidades enfrentarão as mesmas dificuldades. Pensar dessa forma significa desconsiderar a maneira muito diversa com que a mudança climática, que é, de fato, um fenômeno global, impacta os ambientes locais, causando efeitos e demandando adaptações específicas em cada ecossistema, não apenas de acordo com suas condições físicas, químicas e geológicas, mas também sociais, culturais e econômicas. Nessa

9 No original: “Increasing weather and climate extreme events have exposed millions of people to acute food insecurity³⁰ and reduced water security, with the largest impacts observed in many locations and/or communities in Africa, Asia, Central and South America, Small Islands and the Arctic”.

10 No original: “patterns of intersecting socioeconomic development, unsustainable ocean and land use, inequity, marginalization, historical and ongoing patterns of inequity such as colonialism, and governance”.

perspectiva, Anna Tsing ressalta que o Antropoceno está longe de ser homogêneo, propondo que seja levada em conta sua característica de fragmentação:

O Antropoceno é global; só faz sentido em escala planetária. E é também sempre restrito, perspectivo e performativo. Isso não é apenas porque várias pessoas imaginam o Antropoceno de forma diferente, ou apenas porque os sistemas globais causam impacto em vários tipos de pessoas de maneira diferente. É mais que isso. O Antropoceno é fragmentado porque é composto de várias assembleias de habitabilidade. Existe apenas em e através desses fragmentos. (TSING, 2019, p. 204)

Levar em consideração o aspecto fragmentado do Antropoceno significa dar atenção às histórias e estruturas específicas tanto de humanos quanto de não humanos, e evitar enxergar o planeta como única unidade de análise, uma vez que “o Antropoceno verdadeiramente global é aquele em que todos nós já estamos mortos, em função da crise ambiental” (TSING, 2019, p. 221). Se ainda estamos vivos é porque existem fragmentos de habitabilidade entre as múltiplas e novas formas de destruição. E, mais ainda, o “Antropoceno pode ser planetário, mas nosso empenho na sobrevivência colaborativa é sempre situado – e, portanto, fragmentado”¹¹ (TSING; MATHEWS; BUBANDT, 2019, p. S188, tradução nossa).

A parábola do semeador elabora de maneira muito eficiente essa fragmentação do Antropoceno. É mostrado como diferentes regiões, sejam países ou mesmo os estados dos EUA, sofrem de

11 No original: “The Anthropocene may be planetary, but our grip on collaborative survival is always situated – and thus patchy”.

formas diversas frente aos efeitos da mudança climática, como a seca e a falta de alimentos. Com o aquecimento global, as áreas mais quentes, como a Califórnia, tornaram-se praticamente desertos, enquanto mais ao norte o frio diminuiu, propiciando maior capacidade agrícola. Porém, se pelos aspectos climáticos esses locais se mostraram mais adaptáveis, ao mesmo tempo as condições socioeconômicas derivadas da falta de adaptabilidade do sul estadunidense geraram uma migração em massa, levando ao norte competição, falta de empregos, opressão das autoridades e novas práticas de escravidão, impactando diretamente o leque de opções de Lauren:

- Pensaria em sair daqui e seguir para o norte, onde a água não é um problema tão grande e a comida é mais barata?
- Não. – Ele olhou para o horizonte. – Meu trabalho aqui é tão seguro quanto pode ser. Não há empregos no norte. Quem chega trabalha para comer, quando trabalha. A experiência não importa. A educação não importa. Existem muitas pessoas desesperadas. Elas trabalham a vida toda por um saco de feijão e moram nas ruas.
- Ouvi dizerem que era mais fácil lá no norte – falei.
- Oregon, Washington, Canadá.
- Fechados – disse ele. – É preciso entrar escondido no Oregon, isso se conseguir. É mais difícil ainda entrar em Washington. As pessoas levam tiros todos os dias tentando entrar no Canadá. Ninguém quer lixo californiano. (BUTLER, 2018, p. 105-106)

Até mesmo na área interna de uma cidade, como Robledo, há uma fragmentação da condição de habitabilidade, uma vez que os moradores das comunidades muradas possuem muito mais possibilidades de sobrevivência do que aqueles que estão fora.

Trata-se, possivelmente, de uma intensificação de desigualdades sociais já existentes, mas até então menos evidentes, especialmente em países do centro do capitalismo, como os EUA. Nesse sentido, Butler, em entrevista sobre o romance, revela: “[i]maginei os Estados Unidos se tornando lentamente, pelos efeitos conjuntos de falta de perspectiva e interesses imediatistas e egoístas, um país de terceiro mundo” (BUTLER, 2018, p. 417). Esse foi um dos recursos utilizado pela autora para criar estranhamento e reflexão. Colocando os EUA em uma situação socioeconômica comum a países da periferia do capitalismo, Butler faz um deslocamento da percepção do leitor: a situação que é usualmente relacionada ao Sul Global aparece, na narrativa, acontecendo no Norte. O efeito dessa inversão só não é mais evidente porque não é mostrado nenhum outro país ao longo do romance, mas os personagens comentam sobre outras regiões que estão lidando melhor com as mudanças nos ecossistemas e prosperando. O próprio aspecto fragmentário do Antropoceno serve, então, como fonte de estranhamento para a obra.

Em outra passagem do livro, Lauren conta como é a cidade fora dos muros, ressaltando ainda mais essa fragmentação, que se traduz na desigualdade e na ausência de mínimas condições de manutenção da vida:

Grande parte de nosso trajeto foi ao longo de um muro de bairro depois de outro; alguns tinham o tamanho de um quarteirão, outros tinham dois, e outros tinham cinco... Subindo em direção aos montes havia propriedades muradas – uma casa grande e várias pequenas dependências mais simples onde os empregados moravam.

Não passamos por nada assim hoje. Na verdade, passamos por alguns bairros tão pobres cujos muros eram feitos de pedras não cimentadas, pedaços de concreto e lixo. E também havia as áreas residenciais sem muros, lamentáveis. Muitas das casas estavam destruídas – queimadas, vandalizadas, infestadas por bêbados ou drogados, ou ocupadas por famílias de sem-teto com filhos imundos, magros e seminus. Seus filhos estavam acordados e nos observaram enquanto passamos. (BUTLER, 2018, p. 19)

Essa fragmentação de condições dentro da cidade acaba promovendo o desenvolvimento de formas de socialidade completamente distintas, dependendo de qual lado dos muros as pessoas vivem. Fora dos bairros murados há pouco resquício das relações familiares tradicionais, uma vez que a busca por sobrevivência leva a agrupamentos formados por meio do que, na esteira de Haraway, podemos chamar de parentescos estranhos, *oddkin*: “parentes biogenéticos outros-do-que-convencionais”¹² (HARAWAY, 2016, p. 221, tradução nossa). Em contrapartida, dentro dos muros, as pessoas se esforçam para manter a configuração de parentesco derivada da família nuclear tradicional, claramente lutando contra as mudanças nas relações sociais que o mundo em deterioração tenta lhes impor.

Lauren demonstra que está muito mais alinhada a essas novas adaptações do que seus vizinhos e parentes. Ela se questiona, por exemplo, a respeito das expectativas de futuro e de formação de laços dentro da comunidade, considerando justamente a falta de sentido de manter certas tradições no contexto de crise em que se encontram:

12 No original: “other-than-conventional biogenetic relatives”.

O que me importa – o que questiono – é como alguém é capaz de se casar e ter filhos com as coisas do jeito que estão agora?

Eu sei que as pessoas sempre se casaram e tiveram filhos, mas agora... Agora não temos para onde ir, não temos nada a fazer. Um casal se casa e, se tiver sorte, consegue um quarto ou uma garagem para viver – sem esperança de nada melhor e todos os motivos para esperar que as coisas piorem. (BUTLER, 2018, p. 111)

Lauren sabe que viver lutando contra a mudança, em busca de preservar costumes de outros tempos, e ignorar o que acontece fora dos muros do bairro, como se vivessem em uma ilha utópica, é um projeto fadado à destruição. Porém, ela parece ser a única pessoa disposta a sair do negacionismo. Isso fica bastante evidente em uma conversa que ela tem com a melhor amiga, Joanne, quando tenta abrir seus olhos sobre a iminente intensificação da crise:

– As coisas também estão mudando agora. Nossos adultos não foram dizimados por uma praga, por isso ainda estão presos ao passado, esperando pela volta dos bons tempos. Mas as coisas mudaram muito, e mudarão mais. Estão sempre mudando. Este é só um dos grandes saltos e não as pequenas mudanças passo a passo, mais fáceis de fazer. As pessoas mudaram o clima do mundo. Agora, esperam pela volta dos bons tempos.

– Seu pai diz não acreditar que as pessoas mudaram o clima, apesar do que os cientistas dizem. Ele diz que só Deus poderia transformar o mundo de modo tão significativo.

[...]

– Meu pai tem seus pontos cegos – falei. – É a melhor pessoa que conheço, mas até mesmo ele tem seus pontos cegos.

– Não faz nenhuma diferença – disse ela. – Não podemos fazer o clima voltar ao que era antes, independentemente do motivo que o tenha levado a se alterar. Você e eu não podemos. O bairro não pode. Não podemos fazer nada. (BUTLER, 2018, p. 74-75)

Em seu negacionismo catastrofista, Joanne acredita que não há nada a fazer e usa como justificativa o discurso do pai de Lauren, o reverendo Olamina, que atua como o mentor espiritual do bairro. Como observa Silva (2009, p. 154), o reverendo atua como um veículo da pressão ideológica exercida pelo Cristianismo, apesar de não ter uma atuação tirânica ou agressiva contra a filha ou os membros da comunidade. Silva explica que, “devido a sua posição social e crenças religiosas, fica claro que o pai da protagonista personifica a ideologia a que ela se opõe desde o início do romance” (SILVA, 2009, p. 154). De fato, a história começa com uma declaração de Lauren a respeito da crise interna causada pela obrigação de corresponder àquilo que se espera da filha de um ministro:

Tive meu sonho recorrente na noite passada. Acho que era esperado. Ele acontece quando eu reluto – quando me debato dentro de uma prisão pessoal e tento fingir que nada incomum está acontecendo. Ele acontece quando tento ser a filha de meu pai. Hoje é nosso aniversário – o meu décimo quinto e o quinquagésimo quinto de meu pai. Amanhã, vou tentar deixá-lo contente – ele, a comunidade e Deus. Então, ontem à noite, sonhei com um lembrete de que tudo é mentira. Acho que preciso escrever sobre o sonho porque essa mentira em especial me perturba demais. (BUTLER, 2018, p. 12)

No âmbito do Antropoceno, essa opressão ideológica significa tentar impor sobre Lauren não só a negação da realidade das mudanças climáticas, mas, principalmente, de impedir uma transformação de visão de mundo, o que levaria a novos comportamentos e estilos de vida, além de formas de socialização e parentesco mais adequadas ao novo contexto. O reverendo Olamina, em sua negação respeitosa e até certo ponto amigável, se encaixa no tipo de negacionista que Bruno Latour (2020, p. 28) chama de “climatoquietista”. Latour diz que a loucura da denegação em relação às mudanças ecológicas, ou seja, a decisão de “mergulhar pouco a pouco num mundo paralelo onde não há mais nem natureza agitada nem ameaça verdadeira”, pode se manifestar de várias formas. Alguns se mantêm calmos, na certeza de que os dados científicos são exagerados ou manipulados por forças obscuras e que é preciso resistir às opiniões dos “catastrofistas”. Outros se apresentam como negacionistas fanáticos, os quais Latour chama de “climatocéticos” ou “climatonegacionistas”, que são os “adeptos, em graus variados, da teoria da conspiração e que, como muitos políticos americanos, veem na questão ecológica um modo indireto de impor o socialismo nos Estados Unidos!” (LATOUR, 2020, p. 28). Mas há ainda outro tipo de denegação, justamente a que se aplica ao reverendo Olamina, e que

é muito mais difundida no mundo em geral sob a forma de uma loucura doce que pode ser caracterizada como quietista, como referência a uma tradição religiosa em que os fiéis confiavam a Deus o cuidado de sua salvação. Os climatoquietistas vivem, como os outros, em um mundo paralelo, mas, como desconectaram todos os alarmes, nenhum anúncio estridente os

força a sair do confortável travesseiro da dúvida: “Vamos esperar para ver. O clima sempre variou. A humanidade sempre arranjou uma saída. Temos outras coisas com que nos preocupar. O importante é esperar e, acima de tudo, não enlouquecer”. (LATOURE, 2020, p. 28-29)

Esse é exatamente o comportamento da maioria dos moradores do bairro murado onde vive Lauren, uma vez que seguem a ideologia difundida por seu pai. Em certo momento, a garota descobre que a amiga Joanne não manteve segredo a respeito de uma das conversas que tiveram sobre a possibilidade de catástrofe e suas palavras de alerta acabam mal interpretadas por essa comunidade de climatoquietistas. Indignada com a traição da amiga, Lauren tenta entender sua motivação e percebe como funciona a loucura da denegação: “Será que achava que me colocar em apuros faria o perigo ir embora? Não, não é assim. E só mais negação: um joguinho idiota de ‘Se não falarmos sobre as coisas ruins, talvez elas não aconteçam’. Idiota!” (BUTLER, 2018, p. 80).

O jogo de negação se intensifica pouco depois, pois o pai vai repreendê-la por ter assustado Joanne e reforça a ideia de quietismo, quando diz: “– Essas coisas assustam as pessoas. É melhor não falar sobre elas” (BUTLER, 2018, p. 82).

Lauren, por outro lado, se dá conta de que ela não acredita que o mundo como um todo está acabando, mas apenas aquele mundo de fantasia dentro dos muros do bairro, sustentado pela ideologia tradicional do pai, avesso às mudanças necessárias para se viver em um contexto de ruínas. Em pensamento, ela reflete: “eu acho que o *seu* mundo está acabando e talvez você esteja acabando junto com ele” (BUTLER, 2018, p. 81-82, grifo do autor).

À sua maneira, o reverendo Olamina também reflete sobre o fim do seu mundo e quais são as possibilidades de salvação. Não é por acaso que, um dia após pedir para Lauren ser mais discreta em seu discurso sobre a ameaça que o bairro está tentando ignorar, ele faz uma pregação citando Noé:

E então, é claro, mais tarde Deus diz a Noé: “Faze para ti uma arca de madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume”.

Meu pai se concentrou na natureza dupla dessa situação. Deus decide destruir tudo menos Noé, sua família e alguns animais. *Mas* se Noé quiser ser salvo, tem muito trabalho a fazer. (BUTLER, 2018, p. 88, grifos do autor)

Butler antecipou mais uma tendência: a utilização da história de Noé para justificar o negacionismo, seja pela ideia de que, com merecimento e muito trabalho, todos podem ser salvos, ou pela promessa feita por Deus de que não mandaria novos dilúvios. Acerca disso, fazendo referência a uma fala do congressista estadunidense John Shimkus, em 2009, Latour diz que alguns desses climatoquietistas

nem sequer hesitam em se levantar em uma assembleia política e invocar a promessa bíblica em que Deus, diante de Noé, se compromete a não enviar mais dilúvios: “Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do coração são maus desde a sua infância; nunca mais destruirei todos os viventes, como fiz” (Gênesis, VIII, 21). (LATOURE, 2020, p. 29)

A história de Noé, de fato, compartilha de uma simbologia muito afeita aos nossos tempos. Afinal, diz respeito a um fim

de mundo e a uma salvação divina oferecida a poucos. Malcom Ferdinand ressalta que, “[d]iante do anúncio do dilúvio ecológico, muitos são os que se precipitam em direção a uma arca de Noé, pouco preocupados com os abandonados no cais ou com os escravizados no interior do próprio navio” (FERDINAND, 2022, p. 22). Dizer, como fez o congressista Shimkus, que Deus prometeu a Noé que não haveria mais dilúvios não deveria tranquilizar os negacionistas, afinal, a catástrofe atual não será enviada pelos céus, mas causada por uma parte dos humanos. Porém, será que se lembrar de Noé não significa também pensar que, se a arca salvou uma família e uma seleção de animais daquele fim de mundo, construir outra não uma boa solução?

Nesse sentido, defender uma salvação baseada na arca de Noé, para Ferdinand, significa propagar uma metáfora política que “estabelece as balizas dos possíveis pensamentos sociais e políticos relativos às maneiras de enfrentar a crise ecológica” (FERDINAND, 2022, p. 100). Para o autor, essa metáfora justifica a defesa de uma política de embarque que pressupõe uma distinção violenta entre quem pode e não pode subir na arca, seleção que é decidida a partir de um ponto de vista singular e que culpabiliza a humanidade, o *anthropos*, de forma universalizada:

Subir na arca de Noé é deixar a Terra e se proteger por trás de um muro de cólera que um “nós” indiferenciado teria suscitado. É adotar a sobrevivência de *certos* humanos e de *certos* não humanos como princípio da organização social e política, legitimando assim o recurso à *seleção violenta do embarque*. (FERNDINAND, 2022, p. 100, grifos do autor)

Para Ferdinand, ao fazer esse agrupamento violento em que a grande maioria fica excluída, relegada ao dilúvio, também acontece uma destituição das identidades culturais e suas historicidades, o que transforma as pessoas em “corpos-em-perda”. Ocupar a arca pressupõe, assim, “a *perda* dos nomes, das culturas e das subjetividades dos que são embarcados” (FERDINAND, 2022, p. 100, grifo do autor), pois esses acabam transformados em números de corpos a salvar, que são confundidos em um todo considerado homogêneo, onde desaparece a diversidade e os sujeitos individuais.

Em *A parábola do semeador*, essa seleção de corpos-em-perda de certa forma já havia acontecido no passado, pois o “muro de cólera” do qual fala Ferdinand existe de fato ao redor do bairro onde mora Lauren, assim como de tantos outros lugares isolados do mundo exterior caótico, como se fossem arcas boiando em meio à tempestade. De certa forma, as famílias ali presentes, apesar de suas variadas origens e histórias, estão homogeneizadas sob um modo de vida unificado, uma ideologia do bairro que é sustentada pelas pregações do reverendo Olamina. Um modo de pensar que, como vimos, difunde um tipo de negacionismo quietista que tenta ignorar o que está acontecendo do lado de fora da comunidade/arca enquanto prega a manutenção de hábitos tradicionais.

Essas contradições aparecem de maneira evidente nas expectativas que o bairro deposita nos jovens, que são todos encarados de uma maneira homogênea:

Bianca Montoya está grávida. [...] A vida escolhida por Bianca é uma de minhas opções. Não que eu pretenda escolhê-la, mas é basicamente o que o bairro espera de mim – e de qualquer pessoa na

minha idade. Crescer um pouco mais, me casar, ter bebês. [...] Não sei se Bianca é corajosa ou burra. Ela e a irmã estão ocupadas reformando o velho vestido de casamento da mãe, e todo mundo está cozinhando e se preparando para uma festa como se fossem os bons e velhos tempos. *Como conseguem?* (BUTLER, 2018, p. 110-112, grifo da autora)

A indiferença explicitada na negação das pessoas da comunidade é um dos tipos de figuras políticas que, segundo Ferdinand, “representam diferentes maneiras de colocar em prática essa política do embarque” (FERDINAND, 2022, p. 105). Uma dessas figuras é justamente “o indiferente”, que “designa a atitude ativa pela qual um muro psíquico e/ou físico é erigido diante do rosto dos outros, delimitando o perímetro dos objetos de uma preocupação” (FERDINAND, 2022, p. 105), o que descreve exatamente a situação do bairro murado de Lauren. Essa preocupação, para Ferdinand, restrita ao lado de dentro da arca/muro, parece disfarçada de bons sentimentos, uma tentativa de cuidado em torno dos embarcados, mas reproduz mecanismos de subjugação e dominação. É uma das formas de abandono do mundo, simbolizando uma “*recusa* de um encontro com o outro e com a Terra” (FERDINAND, 2022, p. 105, grifo do autor). No romance, essa recusa se manifesta nas diversas tentativas de ignorar, de fingir que não existe nada lá fora, assim como de buscar a continuação dos velhos hábitos, como se nada estivesse acontecendo. Isso demonstra o quanto o indiferente pratica “uma ignorância epistêmica ativa, cuja função é desvincular, romper a relação concreta com o outro, recusar o mundo, fechando-se em um solipsismo ingênuo, mas bastante violento” (FERDINAND, 2022, p. 105).

Mas as irrupções do mundo externo que não pode ser silenciado e os apelos de Lauren, a única da comunidade que se recusa a viver nesse solipsismo ingênuo, começam a causar fissuras no negacionismo do reverendo Olamina. Após os assaltos ficarem mais frequentes dentro dos muros, ele tem uma conversa com a esposa Cory e ela pergunta o que deveriam fazer caso ele morresse. Em sua resposta, o reverendo demonstra que não tem mais tanta confiança de que tudo vai ficar bem no futuro: “– Viver! – respondeu meu pai. – É só o que qualquer pessoa pode fazer no momento. Viver. Segurar a barra. Sobreviver. Não sei se os bons tempos voltarão. Mas sei que isso não vai importar se não sobrevivemos a esse período” (BUTLER, 2018, p. 98). Em seguida, algumas atitudes começam a ser tomadas por ele: para de treinar a comunidade contra ataques e ensina algo que possa ser útil para eles caso os muros não resistam, ainda que a perspectiva quietista de não causar pânico desnecessário continue vigente:

– Talvez esteja na hora de olharmos para baixo. Hora de procurar algo em que nos segurarmos antes de sermos empurrados para lá.

– É por isso que temos treino de tiro toda semana, além de uma cerca elétrica e nosso sino de emergência. Sua ideia de malas de emergência é boa. Algumas pessoas já as têm. Para terremotos. Outras as organizarão se eu sugerir. E, é claro, algumas não farão nada. Sempre há pessoas que não fazem nada. [...] Converse com eles sobre aulas, não sobre o Apocalipse.

Olhei para ele, que parecia mais alto do que nunca, como um muro, parado, esperando. Ele tinha me oferecido muita coisa. Tudo o que eu poderia ter, acreditava. Suspirei.

– Está bem, pai, prometo. Tentarei não assustar mais ninguém. Só espero que as coisas se mantenham

normais por tempo suficiente para fazermos as coisas do seu jeito. (BUTLER, 2018, p. 86-87)

O que Lauren percebe, desde o início do romance, é que uma mudança cosmológica é necessária para causar algum impacto real na visão de mundo das pessoas. E, como filha de um pastor, ela vê na religião um caminho possível para alcançar esse objetivo. Como uma oposição à ideia de que não há nada o que fazer para transformar a situação, de que só é possível seguir sobrevivendo, e também contra o negacionismo, a indiferença e o desejo de que nada mudasse difundido pelo pai e por sua comunidade, Lauren cria a Semente da Terra, um sistema de crenças baseado exatamente na ideia de que mudanças são inevitáveis:

Deus é Mudança e, no fim, Deus prevalece. Mas Ele existe para ser moldado. Para nós, não basta apenas sobreviver, mancando, fazendo tudo como sempre enquanto as coisas pioram cada vez mais. Se esta é a forma que damos a Deus, então pode ser que um dia nos tornemos fracos demais – pobres demais, famintos demais – para nos defender. E então, seremos eliminados.

Tem que haver mais que possamos fazer, um destino melhor que possamos moldar. Outro lugar. Outro jeito. Alguma coisa! (BUTLER, 2018, p. 99)

A perspectiva de Lauren de que não se pode negar as consequências da mudança climática, na esperança vã de que tudo um dia vai passar, e tampouco cair em um pessimismo apocalíptico que nos levaria a não tomar nenhuma ação e apenas seguir sobrevivendo, tem ressonância na proposta de Donna Haraway (2016) de *Staying with the Trouble*, que pode ser traduzida como seguir com o incômodo, ou seja, continuar lidando com o problema que se impõe sobre nós:

Seguir com o incômodo não requer tal relação com tempos chamados de futuro. Na verdade, seguir com o incômodo requer aprendizado para estar verdadeiramente presente, não como um pivô de fuga entre passados terríveis ou edênicos e futuros apocalípticos ou salvíficos, mas como criaturas mortais entrelaçadas em miríades de configurações inacabadas de lugares, tempos, assuntos, significados¹³. (HARAWAY, 2016, p. 1, tradução nossa)

Seguir com o incômodo, portanto, requer adaptação, como Lauren ressalta nos versos da Semente da Terra: “Toda vida bem-sucedida é / Adaptável / Plural / Obstinada / Interconectada e / Fecunda. / Compreenda isso. / Use isso. / Molde Deus” (BUTLER, 2018, p. 156). O relatório do IPCC, por sua vez, enfatiza a importância de comportamentos muito parecidos com o que tanto o romance quanto Haraway propõem:

A adaptação desempenha um papel fundamental na redução da exposição e da vulnerabilidade às mudanças climáticas. A adaptação em sistemas ecológicos inclui ajustes autônomos através de processos ecológicos e evolutivos. Em sistemas humanos, a adaptação pode ser antecipatória ou reativa, bem como incremental e/ou transformadora. Esta última muda os atributos fundamentais de um sistema socioecológico em antecipação às mudanças climáticas e seus impactos¹⁴. (IPCC, 2022, p. 7-9, tradução nossa)

13 No original: “Staying with the trouble does not require such a relationship to times called the future. In fact, staying with the trouble requires learning to be truly present, not as a vanishing pivot between awful or edenic pasts and apocalyptic or salvific futures, but as mortal critters entwined in myriad unfinished configurations of places, times, matters, meanings”.

14 No original: “Adaptation plays a key role in reducing exposure and vulnerability to climate change. Adaptation in ecological systems includes autonomous adjustments through ecological and evolutionary processes. In human systems, adaptation can be anticipatory or reactive, as well as incremental and/ or transformational. The latter

Sabendo o quanto a mudança é inevitável e a adaptabilidade indispensável, Lauren é uma das poucas que consegue evitar ser assassinada quando o bairro murado é invadido e destruído, exatamente como ela previra que aconteceria. Munida de comida, dinheiro, uma arma e alguns itens básicos – recursos que ela havia preparado em uma mochila de fuga –, ela parte para o norte, buscando difundir sua crença até encontrar um novo local para morar. Os únicos sobreviventes do bairro que ela encontra são Harry, um homem branco, e Zahra, uma mulher afro-americana, que passam a acompanhá-la e se tornam seus primeiros discípulos da Semente da Terra.

A partir desse momento, os três, antes protegidos por trás dos muros do bairro/arca, partem para as estradas, ao lado de tantos outros que buscam locais com melhores condições ambientais e sociais. Como acontece em muitos discursos políticos, todas essas pessoas em deslocamento poderiam ser consideradas como “refugiados climáticos”, uma classificação que os homogeneiza e os destitui de identidade, na mesma proporção de quando são tratados como corpos-em-perda, conforme explica Ferdinand:

Certamente, as mudanças drásticas causadas pelo aquecimento global suscitarão expressivos movimentos de pessoas. Entretanto, ao contrário do trabalho de antropólogos, os discursos ambientalistas que se contentam com os termos “migrantes” ou “refugiados climáticos” constroem um sujeito que, dividido entre seu lugar de origem e seus possíveis pontos de destino, permanece suspenso entre o cais e o navio como um corpo sem rosto, destituído de nome, de pertencimentos

changes the fundamental attributes of a social-ecological system in anticipation of climate change and its impacts”.

familiares, culturais e comunitários, de desejos e de capacidades de ação: figuras monstruosas e racializadas. [...] Humanos e não humanos formam, então, uma só matéria indistinta a ser introduzida na arca. (FERDINAND, 2022, p. 101)

É nesses termos que os moradores de outras “arcas” do romance – sejam bairros murados, cidades compradas por empresas ou outros enclaves que excluem o mundo exterior de suas fronteiras – enxergam as pessoas em movimento: como figuras indistintas, monstruosas e racializadas. A partir desse ponto na narrativa há uma inversão de perspectiva, uma vez que era nesses termos que os moradores do bairro de Lauren em Robledo encaravam quem estava do lado de fora antes da destruição dos muros, e agora os três sobreviventes é que sofrem esse preconceito.

O que a narrativa de Butler mostra a partir dessa reviravolta, porém, é justamente o oposto dessa visão de que os migrantes são corpos indistintos sem rostos e sem passados, pois a narrativa foca na diversidade e nas histórias pessoais de cada pessoa encontrada. Ao longo do caminho pelas estradas desse Estados Unidos distópico, Lauren, Harry e Zahra fazem novos amigos, salvam viajantes em situações de risco, resgatam crianças órfãs e, com o tempo, formam um grupo maior. Surgem casais e se estabelecem novas formas de parentesco e colaboração entre todas essas pessoas com passados, classes, etnias e traumas muito diferentes, tendo a consanguinidade como aspecto pouco relevante. Precisamente aquele tipo de parentesco estranho que já era perceptível fora dos muros do bairro e que Haraway considera indispensável para um mundo em crise: “[s]eguir com o incômodo demanda fazer parentescos estranhos; ou seja, precisamos uns dos outros em

colaborações e combinações inesperadas, em pilhas quentes de compostagem. Ou nós nos tornamos-com cada um de nós ou não seremos nada”¹⁵ (HARAWAY, 2016, p. 4, tradução nossa).

O sistema de crenças da Semente da Terra traz para esse grupo a esperança de que, em conjunto, formando comunidades adaptadas ao mundo como ele é no presente, com valores muito diferentes do bairro onde Lauren cresceu, defendendo a educação, a colaboração e seguindo com o incômodo de forma consciente, essas pessoas possam lidar da melhor maneira possível com os problemas que se impõem, garantindo uma existência mais digna entre seus novos parentes.

Segundo Haraway (2016, p. 1, tradução nossa), “[a] tarefa é fazer parentes em linhas de conexão inventivas como uma prática de aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente denso”¹⁶. E é exatamente nessa tarefa que o grupo de Lauren se mobiliza a trabalhar quando funda uma nova comunidade no norte do país, nomeada de Bolota, a semente do carvalho, onde a pluralidade, a diferença e a abertura para as mudanças tornam-se fundamentos básicos de sua convivência. A respeito disso, Silva afirma:

Vítima de um mundo que o perseguiu por ser composto de raças, etnias, gêneros, sexualidades, idades, habilidades ou classes sociais diferentes da dominante, o grupo de Lauren Olamina soube reconhecer os perigos contidos na fraqueza da

15 No original: “Staying with the trouble requires making oddkin; that is, we require each other in unexpected collaborations and combinations, in hot compost piles. We become-with each other or not at all”.

16 No original: “The task is to make kin in lines of inventive connection as a practice of learning to live and die well with each other in a thick present”.

individualidade e tirou proveito de sua natureza múltipla para fundarem, juntos, um lar onde as diferenças se constituem como um elemento de força e dinamismo. Por conta disso, apesar de seu óbvio horizonte utópico, Acorn [Bolota] rejeita os preceitos dos idealismos utópicos, adaptando-os de forma pragmática ao seu mundo distópico. (SILVA, 2009, p. 166-167)

A parábola do semeador, nesse sentido, não é uma distopia fechada em uma negação completa de futuros possíveis, mas uma distopia crítica, pois, conforme a definição de Moylan, alimenta o vislumbre de uma esperança utópica não idealizada, onde “grupos marginalizados cultural e economicamente não apenas sobrevivam, mas também tentem se movimentar para criar uma realidade social que seja moldada por um impulso em direção à autodeterminação humana e à saúde ecológica” (MOYLAN, 2016, p. 143).

Ademais, podemos confirmar que o romance distópico de Butler articula o que Adeline Johns-Putra e Adam Trexler (2011, p. 196) consideram como uma ficção climática do Antropoceno, uma vez que, como demonstramos, a narrativa vai muito além de abordar a mudança climática em termos de ambientação, explorando as questões sociais e psicológicas derivadas da crise em termos pessoais e coletivos. É uma obra que prevê e explora os impactos do Antropoceno nas situações intrínsecas da vida diária das personagens, em termos cognitivos e emocionais, ao mesmo tempo em que traçam conexões com as estruturas sociais, políticas e econômicas mais amplas da sociedade em questão.

Dessa forma, prevendo com quase trinta anos de antecedência os impactos da mudança climática enfatizados pelo relatório do

IPCC de 2022, *A parábola do semeador* elabora uma ficção que traduz como os efeitos climáticos, que cada vez mais são parte da realidade contemporânea, vão afetar situações pessoais, íntimas, familiares e comunitárias, nas quais podemos nos imaginar se fizermos um exercício de estrapolação.

A narrativa propõe também uma atuação ética frente à situação irreversível do mundo, dialogando com a proposta de Donna Haraway de seguir com o incômodo e tentar, por meio da formação de laços de parentesco não usuais, colaborar e coevoluir uns com os outros para viver e morrer da melhor forma possível em um ambiente degradado, mostrando que ainda é possível recuperação e florescimento, ainda que de forma situada, limitada e não isenta de dificuldades.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Octavia E. *A parábola do semeador*. São Paulo: Morro Branco, 2018.
- CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The “Anthropocene”. *Global Change Newsletter* 41, p. 17-18, 2000.
- FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu, 2022.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- HARAWAY, Donna. *Manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- IPCC. Summary for Policymakers. In: *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability*. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, 2022.
- JOHNS-PUTRA, Adeline; TREXLER, Adam. Climate change in literature and literary criticism. *WIREs Climate Change*, n. 2, v. 2, p. 185-200, mar./abr., 2011.

LATOURE, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MOYLAN, Tom. *Distopia: fragmentos de um céu límpido*. Maceió: Edufal, 2016.

SILVA, Alexander Meireles da. Sobrevivendo pela mudança: a temática do deslocamento na literatura fantástica afro-americana. *Revista Cerrados*, n. 27, v. 18, p. 145-169, 2009.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TREXLER, Adam. *Anthropocene fictions: the novel in a time of climate change*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.

TSING, Anna L.; MATHEWS, Andrew S.; BUBANDT, Nils. Patchy Anthropocene: Landscape Structure, Multispecies History, and the Retooling of Anthropology - An Introduction to Supplement 20. *Current Anthropology*, n. 20, v. 60, p. S186-S197, ago., 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: Mil Folhas do IEB, 2019.